

O QUE LEEM OS SURDOS?²

¿Qué leen los sordos?³

→ Carlos Sánchez⁴

RESUMO EM LIBRAS⁵



RESUMO

O presente texto tece reflexões sobre o processo de ensino/aprendizagem da leitura e da escrita para pessoas surdas, destacando a especificidade e a diferença de tal processo em relação ao que ocorre com crianças ouvintes. Nesse sentido, realiza uma crítica ao ensino da linguagem escrita para surdos nos mesmos moldes que para pessoas ouvintes, à medida que isto significa negar a experiência surda e seu modo singular de produzir e se relacionar com o conhecimento, por meio de uma experiência visual. Destaca, também, a importância de ambientes alfabetizadores e do convívio/relação com livros e a mediação de adultos leitores para a formação do leitor surdo.

² Trabalho apresentado em espanhol no IX Congresso Internacional do INES – COINES 2016.

³ Tradução de Tiago Ribeiro. Professor do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Surdos (INES) e doutorando em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: trsunirio@gmail.com

⁴ Professor da Universidade de Mérida, Venezuela. E-mail: aldeamilla@gmail.com

⁵ Leia o resumo em LIBRAS acessando o canal da REVISTA FORUM no *YouTube* pelo QR Code acima ou no link: https://www.youtube.com/watch?v=sDmMRUq3iOE&index=2&list=PL_aj1ISwgv8At-P8_2bLR28mKk-HyGRz6

Palavras-chave: Educação de Surdos. Formação do Leitor. En-

RESUMEN

El presente texto refleja el proceso de enseñanza y aprendizaje de la lectura y la escritura para las personas sordas, destacando la especificidad y la diferencia de tal proceso en relación a lo que ocurre con niños oyentes. En ese sentido, realiza una crítica a la enseñanza del lenguaje escrito para sordos en los mismos moldes que para personas oyentes, en la medida en que esto significa negar la experiencia sorda y su modo singular de producir y relacionarse con el conocimiento, a través de una experiencia visual. Destaca, también, la importancia de ambientes alfabetizadores y de la convivencia / relación con libros y la mediación de adultos lectores para la formación del lector sordo.

Palabras-clave: Educación de Sordos. Formación del Lector. Enseñanza de la lectura. Enseñanza de la escritura.

INTRODUÇÃO

O que se pode dizer, no limiar do 3º milênio, sobre o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita, sobre a aquisição do domínio da língua escrita no caso dos surdos? Seguem os ouvintes escrevendo para ouvintes sobre como deveriam ensinar os surdos a lerem. Por sua vez, estes não terminam de aprender a ler. E eu diria mais: nem sequer começam a aprender.

Nestas circunstâncias, o propósito destas considerações preliminares não é outro senão contribuir para esclarecer algumas coisas, em benefício de tantas crianças surdas que seguem lutando o desigual combate contra umas letras que nada lhes dizem e que nada lhes dirão enquanto essas coisas não forem esclarecidas. E em benefício de tantos pais e professores que em vão esperam – e na

espera se desesperam – o momento mágico pelo qual sabem que passam as crianças ouvintes quando, entre os cinco e os sete anos mostram, de repente, que “já sabem ler”.

É que este momento jamais vai acontecer no caso de uma criança surda. Por isso, tristemente, sem deixar de esperar, perde-se a esperança que, sem dúvida, não é a última que morre. Porque, apesar de todas as evidências ao contrário, o ensino não abandona a tenacidade com que [se] continua a perseguir a alfabetização quimérica através de planos, cópias e ditados, testes psicopedagógicos, exercícios de estimulação e de discriminação auditiva, exercícios para melhorar a atenção, a memória, habilidades motoras finas e grossas e o ritual diário de tarefa de escrita em sala de aula, um nome próprio, um lugar e uma data, projetada no horizonte enevado, nem mesmo vislumbrado, de uma escolaridade atemporal que todos sabemos não levar a nada. E como se tudo isso fosse pouco, a volta ao que acreditávamos se tratar de recursos falecidos: o “cued speech” e a chave de Fitzgerald.

Há razões para o pessimismo; mas o pessimismo não tem razão. Digo mais uma vez, sob o risco de não ser escutado de novo: os surdos poderão sim aprender a ler, os surdos chegarão a dominar a língua escrita tanto quanto os ouvintes competentes nessa língua (que nem todos são). Poderão fazê-lo sempre e quando mudem – vale dizer sempre: e quando nós, os ouvintes responsáveis pela educação de surdos, façamos com que mudem – as condições que hoje prevalecem na sua educação, que longe de favorecer, entorpecem irremediavelmente o desenvolvimento normal da linguagem. Herança do oralismo, poderão nos dizer, e é verdade. Mas não tão certo como o fato de o Congresso de Milão ter sido realizado há mais de um século, apesar de seus ecos estarem retornando a ressoar com força incomum. Para a nossa má consciência, devemos reconhecer que há males que duram mais de cem anos, e crer que há corpos que resistem. Já é hora dos surdos pararem de pagar as consequências!

Parecem ser necessários exemplos vivos de que os surdos podem, sim, aprender a ler – como durante os anos do predomínio oralista os educadores se empenharam em mostrar que os surdos, sim, podiam aprender a falar - e que é uma questão de encontrar o método para possam fazê-lo. Neste esforço passaram-se os últimos cem anos e mais, pretendendo que os surdos aprendessem a ler quando eles poderiam fazê-lo como os ouvintes. Contudo, quem pensa assim se equivoca duplamente: primeiro, por pensar que, para aprender a ler, os ouvintes aprendem primeiro a reconhecer as letras, então, aprendem a unir essas letras para reconhecer palavras, e, em seguida, aprendem a encadear as palavras para reconhecer orações; e, segundo, ao pensar que as pessoas surdas terão de percorrer este caminho, o qual acreditam ser uma condição *sine qua non* para a alfabetização. Aqueles que acreditam nisso não podem deixar de pensar que, de uma forma ou de outra, os surdos terão de chegar a conhecer o princípio fundamental de todo o sistema de escrita alfabético, saber que cada grafia representa um fonema e que cada fonema pode ser representado por uma ou mais grafias. E aqui, mais uma vez, nós caímos no terreno do absurdo: como poderia alguém que não ouve os sons, pareá-los com letras?

A ALFABETIZAÇÃO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

No processo de alfabetização inicial, tal como foi descrito por Emília Ferreiro em crianças normalmente ouvintes, a consciência fonológica constitui um momento crucial. Entendemos a consciência fonológica como o conhecimento dos aspectos sonoros da fala, e é esse conhecimento que torna possível que crianças ouvintes, a partir de certo momento do processo de alfabetização inicial, possam relacionar as grafias da escrita com elementos sonoros da fala, como sílaba e fonema. Assim, a aquisição da consciência fonológica marca o limite entre as duas grandes etapas do referido pro-

cesso, sempre de acordo com a descrição do mesmo fez Emília Ferreira: a etapa pré-fonética e a etapa de fonetização da escrita.

No caso dos ouvintes, o conhecimento dos aspectos sonoros da fala está na base da alfabetização, a partir do momento em que dito conhecimento reflete-se no estabelecimento da correspondência grafo/fônica, que, como já dissemos, constitui o princípio fundamental do nosso sistema alfabético de escrita. E não é o caso aqui discutir se esse conhecimento é um pré-requisito para a alfabetização, se, pelo contrário, é consequência do contato significativo com materiais escritos em um ambiente de leitura, ou, finalmente, se é ambas as coisas ao mesmo tempo. Em todo caso, as crianças que adquirem esse conhecimento em idades precoces são ouvintes, em sua maioria entre quatro e sete anos de idade; e adquirem espontaneamente, mas não por acaso ou por uma maturidade indefinível, mas a partir de um contato significativo com textos escritos, pela mão de adultos leitores.

Então, dizemos mais uma vez, a única possibilidade que os surdos têm para acessar a linguagem escrita é pulando o processo de alfabetização. Ler e escrever as palavras em castelhano⁶ - e as frases e parágrafos - como se fosse um sistema não-alfabético, logográfico ou ideográfico. Mas por que insistir na alfabetização, se no caso dos ouvintes, é indubitável que o conhecimento da correspondência grafo/fônica não é uma condição suficiente para aceder ao domínio da linguagem escrita? Será, sem dúvida, a alfabetização uma condição necessária, embora não suficiente? Se assim for, os surdos estariam condenados: iletrados para sempre, abandonada toda a esperança...⁷

⁶ Nota do tradutor: Castelhana ou espanhol no caso da Venezuela. Podemos substituir por português, no caso do brasileiro.

⁷ É imprescindível esclarecer estas considerações, mediante as implicações mais recentes dos implantes cocleares. É óbvio que, na medida em que a prótese permite discriminar os sons da fala, abre-se a possibilidade de que os surdos possam estabelecer uma correspondência grafo/fônica. Entretanto, também é óbvio que isso não muda o nosso plano de fundo. A alfabetização não faz leitores.

A FORMAÇÃO DO LEITOR

Cabe então, sem desculpas e prescindindo da alfabetização como tal, determinar quais são as condições exigidas para alguém se torne um usuário competente da língua escrita. Para isso, não podemos senão indagar no caso dos ouvintes, porque salvo raríssimas - e em todo caso inexplicáveis - exceções⁸, os surdos não são leitores nem escritores competentes. Um bom leitor é formado desde a mais tenra infância, e é condição necessária e suficiente que esteja imerso, que faça parte, que interaja em um ambiente familiar que tem a presença de adultos leitores, o qual disponha de textos adequados ao alcance das crianças e no qual significativas atividades de leitura e escrita sejam realizados; significativas para as crianças, entenda-se. Este ambiente é o que temos chamado de "ambiente leitor." Nesse ambiente não faz falta nenhuma didática da língua escrita, nenhum método em particular ou nenhum professor especializado. Nesse ambiente, movido por um interesse intrínseco e guiado por um adulto leitor, a criança se incorpora sem esforço, naturalmente, espontaneamente, ao mundo da escrita.

O importante não é que criança aprenda a soletrar e a vocalizar as mensagens inefáveis das cartilhas escolares: "Mamãe me mima", "esse urso se limpa"⁹, "a mula sobe a colina" e outras sandices desse mesmo estilo. Não, o verdadeiramente importante é que a criança perceba que os livros abrem a porta para um mundo diferente, o mundo da escrita, um mundo que não é parte da vida cotidiana, mas da imaginação, da fantasia, um mundo ideal. Além disso, é importante que a criança perceba que não está sozinha neste mundo; pelo contrário [ele] é compartilhado por outros que, como ele, encontraram nos livros algo que transcende a realidade imediata. O importante é que o novo leitor sinta que se juntou a uma co-

⁸ Ver, a esse respeito, o artigo "El Síndrome de Hellen Keller", disponibilizado em janeiro de 2008 na página eletrônica "Cultura Sorda", dirigida, na Alemanha, pelo linguista venezuelano Alejandro Oviedo.

⁹ Nota do tradutor: O autor faz uma crítica às cartilhas de alfabetização e à sua prática, muito comum, de apresentar frases construídas em torno de famílias silábicas trabalhadas com as turmas. Em espanhol. A frase em questão é mais representativa do que no português: "Ese oso se asea".

munidade de usuários da linguagem escrita. A leitura, como bem disse Jean Foucambert, é uma questão comunitária.¹⁰

A descoberta de que existe um mundo por trás das letras é o que permite que o novo leitor transite pelos caminhos de uma leitura reflexiva, de uma leitura formativa. Essa descoberta é o que permite que o novo leitor possa adotar uma postura "estética", para além de uma postura "eferente", tal como postula Louise Rosenblatt. E isso também é fundamental. No momento atual, ler para se informar, escrever para se comunicar são atividades que poderíamos catalogar como anacrônicas, havendo meios muito mais eficazes para transmitir a informação e agilizar a comunicação, como a televisão e o telefone. E, no entanto, a maioria da população alfabetizada em todo o mundo continua fazendo uso destas funções por assim dizer subalternas, e não faz uso da língua escrita em suas funções essenciais; os leitores e escritores competentes seguem sendo o mínimo.

Surpreendentemente, este é um dos argumentos de que lançam mão alguns quando lhes fazemos ver que os surdos não são leitores proficientes. Dizem-nos que os ouvintes, na sua maioria, tampouco o são. Mal de muitos, consolo de tolos... Mas do que se trata não é que os surdos aprendam a ler mal, mesmo que assim aprenda a maioria dos ouvintes, senão que possam aproveitar a língua escrita no que ela tem de original, de insubstituível, como meio privilegiado de conhecimento e enriquecimento do pensamento. Vigotsky dizia que a língua escrita está para a linguagem oral como a álgebra para a aritmética. Portanto, trata-se de utilizar a língua escrita não como um substituto para a língua falada, mas como uma língua particular, com funções específicas. Se entre os ouvintes, por razões que não é o caso discutir aqui, não mais do que 20 por cento da população é capaz de utilizar a língua escrita nesta

¹⁰ Essa conceptualização da língua escrita como a chave para ter acesso a um mundo distinto do mundo da cotidianidade, da oralidade, está amplamente sustentada a partir de começos do século passado, por numerosos autores, a partir de diferentes óticas. Entre eles, Lev Vigotsky, Jean Paul Sartre, Umberto Eco, Bruno Bettelheim, Francesco Tonucci, Louise Rosenblatt, Kack Goody, Walter Ong, Michael Halliday, Frank Smith, Jean Foucambert, Jorge Larrosa...

dimensão, o que queremos é que pelo menos 20 por cento dos surdos possam fazê-lo.

Os 80 por cento da população alfabetizada utilizam a língua escrita para receber informação ou para se comunicar e apenas parcial e esporadicamente para a reflexão e o enriquecimento do pensamento. Sobre isto não há divergência: em todo o mundo é deplorável o pobre domínio da língua escrita que mostram as gerações mais jovens, o desinteresse pela leitura, a escassa compreensão, os erros ortográficos e a má redação. Lamentavelmente, essas expressões de "deficiência" lectoescritural são interpretadas como causa e não como consequência de não saber ler. As pessoas que não leem, não leem porque não têm interesse (não sabem o que podem dizer-lhes os textos, não sabem interrogá-los, questioná-los, não ingressaram no mundo da escrita do qual falávamos acima), não leem porque não entendem o que leem e, claro, para entender o que se lê há que se saber ler, assim como para compreender o inglês faz falta saber inglês. Por sua vez, as pessoas que não escrevem não escrevem porque não sabem fazê-lo.

O problema deve ser colocado ao contrário: quem sabe ler, quem se tornou membro do "Clube da Língua Escrita"¹¹ (Clube da Alfabetização do qual fala Frank Smith) não enfrenta nenhuma dessas dificuldades. Sabem-se leitores e se reconhecem imediatamente uns aos outros, gostam de falar sobre o que leem, comentam e recomendam textos que podem ter a capacidade de formar e não apenas e informar, textos que os impactaram e que quiseram compartilhar. Estão capacitados como usuários da língua escrita e não são portadores da mencionada "deficiência" lectoescritural.

¹¹ Naturalmente, o "Clube da Alfabetização", cuja tradução mais precisa poderia ser "Clube dos usuários competentes da linguagem escrita" é um clube absolutamente virtual, sem qualquer existência formal. Mas, assim como os apaixonados por qualquer prática social (xadrez, colecionadores de borboletas, motoristas de carros rústicos, amantes da música, jogadores de golfe, etc.) tendem a se reconhecerem imediatamente, têm um tema de conversa e compartilham experiências, assim os leitores proficientes estabelecem uma corrente de empatia, falam sobre certos assuntos e não outros, comentam livros e se recomendam leituras mutuamente. É lamentável o fato de que alguns professores, aos quais falta essa intangível identidade de leitores, tenham entendido esta expressão de F. Smith como uma sugestão para formar "clubes de leitura" nas escolas, com fotografia e um cartão atestando a associação nos mesmos...

POR QUE OS SURDOS NÃO SÃO LEITORES

Quase 100 por cento dos surdos entram na categoria de não leitores - e não são leitores porque não sabem ler. Não podem saber ler, porque independentemente de que não estejam alfabetizados e de que nunca estarão, não tiveram a oportunidade de se incorporar ao mundo da escrita de maneira espontânea e significativa, pela mão de adultos leitores, como o fizeram os ouvintes usuários competentes da língua escrita. Vejamos uma por uma as condições que explicam por que as pessoas surdas não acessam o mundo da escrita, à leitura em sua dimensão reflexiva, formativa, e não simplesmente informativa, em sua dimensão estética e não exclusivamente eferente.

1. O PROBLEMA DA LINGUAGEM

Os surdos, exceto - talvez - os filhos de surdos, não têm um desenvolvimento normal da linguagem. Até onde sabemos, a atenção precoce aos bebês surdos - incluindo a nossa própria experiência de mais de duas décadas no Berçário para Bebês Surdos do Centro de Desenvolvimento Infantil de Mérida, na Venezuela - não foi capaz de normalizar o processo de aquisição da linguagem¹². Embora seja óbvio que os resultados têm sido e continuam sendo muito superiores aos obtidos quando imperava a proibição de sinais, ainda não é suficiente. É muito impressionante a escassez de estudos longitudinais na área da linguagem das crianças e jovens surdos filhos de pais ouvintes, a partir da implementação do modelo bilíngue e bicultural. Em nossa experiência, é mais do que evidente a diferença entre a "interação dialógica, narrativa e ficcional" que

¹² Este déficit no desenvolvimento da linguagem é evidenciado claramente nos jogos espontâneos. As crianças surdas não jogam como seus pares em idade pré-escolar. Imitam as ações dos adultos (cozinhar, lavar, cuidar de um bebê, ser professor, repreender os pequenos, dirigir um carro, etc.), mas não montam um cenário imaginário no qual "conduzem" personagens, como o fazem as crianças ouvintes com soldados ou com Barbies. Esses personagens, aos quais as crianças ouvintes atribuem traços de caráter e expectativas próprias, falam uns com os outros, discutem e atam de acordo com roteiros mais ou menos planejados de antemão.

mantem as crianças ouvintes em um ambiente de leitura com a que podem ter as crianças surdas com seus pais, sejam eles surdos ou ouvintes. Independentemente das enormes vantagens que para os bebês surdos representa ter pais surdos, estes tampouco são leitores proficientes para que possam “levar seus filhos pela mão”, adentrando com eles o mundo da escrita¹³.

2. O PROBLEMA DA LÍNGUA

Os adultos ouvintes que estão em contato com as crianças surdas no ambiente escolar, em sua grande maioria, não são usuários competentes da língua de sinais. Os professores, frequentemente, estabelecem com seus alunos surdos o que uma professora brasileira qualificou há tempo como um “pacto de não compreensão mútua”. A carreira de professor de surdos não contempla o domínio pleno da língua de sinais do país como condição *sine qua non* para exercer a profissão. Os programas dos institutos de formação de professores de surdos têm alguns semestres de “cursos” de língua de sinais, ministrados por surdos que nem sempre são usuários nativos desta língua, em situações demasiadamente artificiais. Uma vez incorporados às escolas, os professores não têm a oportunidade de enriquecer a sua competência na língua de sinais, dado o léxico reduzido (os temas sobre os quais falam os surdos na escola são poucos e sempre os mesmos). Por sua vez, os temas “acadêmicos” são abordados como uma mera formalidade, para não dizer uma farsa.

Dois pesquisadores do Pedagógico de Caracas¹⁴ oferecem um testemunho objetivo da situação a que estamos nos referindo. Apesar de dedicarem a sua atenção para aspectos técnicos-

¹³ Não apenas falando sobre pais biológicos ou aqueles que agem como pais, mas qualquer pessoa que esteja ligada afetivamente com a criança em tenra idade. Bons leitores filhos de pais analfabetos, que não são incomuns, tiveram a sorte de contar em seu entorno com um adulto usuário competente da língua escrita, o que lhes deu a chave para entrar no mundo dos livros.

¹⁴ Ver artigo de Yolanda Pérez e Lionel Tovar “Análisis de la interacción verbal mediada por una intérprete de LSV en una aula de clases bilingüe-bicultural para sordos”, na página *Cultura Sorda*, dirigida por Alejandro Oviedo.

linguísticos de interpretação, a realidade da aprendizagem em sala de aula é, para dizer o mínimo, deplorável. O professor ouvinte falava do desmembramento do império de Carlos Magno a um grupo de jovens surdos que não tinham a menor ideia sobre os romanos nem sobre os bárbaros, tampouco de Idades ou de séculos. O professor ia tentando simplificar a exposição para torná-la mais compreensível, até que cai na palavra "imperador". Tenta várias definições que caem no vazio e termina perguntando aos alunos se eles sabem o que faz a diretora da escola: mandar. Nessa base, conclui que Carlos Magno era como a diretora da escola. Qualquer semelhança com a escola do professor Girafales não é mera coincidência, mas estes não são apenas personagens cômicos, entretanto estudantes de carne e osso, submetidos a um ritual vergonhoso.

3. A NATUREZA METAFÓRICA DA LÍNGUA ESCRITA

A diferença entre aritmética e álgebra é que a primeira é concreta, pode ser ensinada com pedrinhas, botões ou outros objetos, enquanto a segunda é abstrata, entende-se apenas com base na imaginação. A língua escrita pode ser utilizada em uma dimensão concreta, meramente informativa, a partir de uma postura "eferente"; mas em sua essência constitui um segundo nível de representação da linguagem. Então, para fazer uso da língua escrita em sua forma "estética", reflexiva, formativa, é essencial transcender a mera função informativa e introduzir-se em um plano mais abstrato, metafórico. Desse modo, o bom leitor compreende não só o que está escrito, mas - e isso é muito mais importante - o que não está escrito, o significado que subjaz e desliza sob os significantes, o sentido que ocultam e revelam as palavras. Os surdos, em sua grande maioria, têm carências notáveis em seu pensamento abstrato, pelo que dissemos sobre sua linguagem e sua língua; carências das quais é diretamente responsável a educação que recebem.

Nessas condições, os surdos não entendem, não conseguem entender as metáforas nas quais se baseia não só a apreciação lite-

rária, mas também o conhecimento científico. E isso é tão válido para os surdos profundos e severos como para os hipoacústicos, uma vez que estes últimos, apesar de terem um melhor desempenho no uso da linguagem oral, não alcançam uma competência leitora adequada. É lamentável comprovar como profissionais da área da surdez, tanto quanto leigos e opinadores espontâneos, pretendem negar isto que é uma realidade inocultável. Basta-nos assinalar a inexistência de surdos filósofos, romancistas e cientistas em qualquer campo.

Em um estudo em curso, propusemos a dois jovens bachareis surdos a leitura de um texto simples, a fábula do coelho que, perseguido por dois cães, se detem para discutir com um compadre se os perseguidores são Galgos ou os Podengos. (Para facilitar a leitura, em vez de raças colocamos cores, pretos ou cinzas). Enquanto eles discutem, chegam os cachorros ... Em seguida, pediu-se que narrassem a fábula pensando em uma platéia de crianças surdas pequenas. Posteriormente, pedimos suas opiniões e comentamos sobre a fábula. Para assegurar uma análise objetiva da linguagem em sua forma e seu conteúdo, filmamos as narrações e comentários. Ambos os jovens narraram como um coelho era perseguido por dois cães, como ele se encontrou um amigo e como discutiram acaloradamente sobre a cor dos cães. Em nenhum momento assinalaram que os coelhos foram capturados e não estabeleceram nenhuma ligação entre a discussão e o fato de os cachorros capturarem sua presa. Para ambos a fábula pareceu muito simples e de interesse apenas para crianças muito pequenas. Esta interpretação nos parece lógica, a partir do momento em que o "conto" precisa de argumento para eles e apenas se limita a descrever as ações: o coelho que foge, cães que perseguem, coelhos que discutem... Algo semelhante aconteceu com a fábula da raposa, que moveu a pata para mostrar ao coelho que estava morta. Os surdos assinalaram que era mentira, que as raposas não movem a pata quando estão mortas, mas não compreenderam a astúcia do coelho nem o fato de que

esta astúcia foi o que lhe permitiu escapar a tempo da caverna da raposa...

4. A LEITURA E A ESCRITA NA ESCOLA DE SURDOS

O ensino da leitura e da escrita é o problema central que tenta resolver a escola para surdos, tem sido e é, se não a única, a mais unânime e importante preocupação dos professores desde que o ensino da fala se tornou uma matéria acessória, quando não prescindível. Lembremo-nos de que, no início, o modelo bilíngue e bicultural, pelo menos na América Latina, prometeu um uso equilibrado da língua de sinais e do espanhol (ou do português, no caso do Brasil), escrito... Era impensável - e segue sendo - que os surdos constituíssem uma comunidade ágrafa e que, para seus membros, a língua escrita não tivesse em absoluto um significado semelhante ao que tem para as nossas comunidades letradas. A velha ideologia médico-reabilitadora parece ter encontrado um refúgio na língua escrita: a superação da surdez, a "hominização" do surdo através da língua utilizada pela maioria, ainda que na sua versão escrita. Os surdos deviam aprender a ler e a escrever, e nisso a escola colocava a alma. Mas cuidado: não para entrar no mundo da escrita para aproveitá-la no que ela tem de insubstituível, não para se tornarem leitores competentes, mas simplesmente para se comunicarem com a comunidade ouvinte!

É que, seguindo o modelo da escola para ouvintes, a escola para surdos nunca se prestou a ensinar os surdos a lerem, assim como a escola para ouvintes nunca se prestou a ensinar os seus alunos a lerem, apenas a alfabetizá-los. Bons leitores não são formados na sala de aula, mas em seus lares, em ambientes de leitura. E não se formam, em primeiro lugar, por uma razão histórica: a escola que conhecemos (pública, laica e obrigatória) foi criada na Europa em meados do século XIX para "injetar" as primeiras letras nos filhos de camponeses que migraram em massa para as cidades para se juntar às filas do proletariado industrial, para que pudes-

sem compreender as informações necessárias para o seu trabalho e cumprir as ordens da empresa, de nenhuma forma para se formarem leitores, cidadãos críticos e participativos¹⁵. E em segundo lugar, porque um grande número de professores dos anos iniciais do ensino fundamental não são usuários competentes da linguagem escrita e não podem ensinar o que não sabem. Eles sabem o alfabeto, é claro, e podem conhecer os inumeráveis métodos para ensiná-lo, mas não sabem ler e muito menos ensinar a ler.

Mas há uma diferença invariavelmente óbvia: enquanto a escola para ouvintes, muitas vezes com mais dor do que glória, conseguiu alfabetizar uma boa proporção da população que foi para a sala de aula, precisamente porque são ouvintes, a escola para surdos, pelo que vimos, não pôde nem poderá fazê-lo. E, no entanto, continua tentando, apesar dos resultados claramente insatisfatórios. Como não há nada de novo para tentar, muitos especialistas voltaram a reivindicar a soletração digital já preconizada por Ponce de Leon, no século XVI, ou o "cued speech", como se fosse uma inovação recentemente descoberta, ou a chave da senhorita Fitzgerald, que desde 1927 ocupou o topo dos quadros das salas de aula oralistas, marcando, como se fossem gados ariscos, os verbos, sujeitos e predicados, e que hoje volta à moda, com a desculpa de que - como nunca antes - seria útil para a leitura e a escrita...

A SITUAÇÃO ATUAL

Mas os tempos mudam. No alvorecer do século XXI, os surdos se apropriaram da língua escrita para se comunicarem uns com os outros, e ainda que em princípio não parecem fazê-lo para se comunicarem com os ouvintes, não têm nenhum constrangimento em fazê-lo quando há necessidade. As trocas de informação são

¹⁵ Ver, a esse respeito, Carlos D. Sánchez: "El maestro, la escuela y la lectura", en la revista *Educere*, 2008. Programa de Perfeccionamiento y Actualización Docente. Facultad de Humanidades, Universidad dos Andes, Mérida, Venezuela.

múltiplas e variadas, e é justo se dizer que na comunidade surda se tem implementado uma rede de comunicação altamente eficaz. As mensagens vêm e vão o tempo todo, porque praticamente todos os surdos estão armados com o dispositivo que permite essa troca: o telefone celular. Atualmente, a comunidade surda descobriu a utilidade da função de comunicação que lhes dá a escrita, na forma como é utilizada em telefones celulares... E foi essa descoberta que permitiu à comunidade surda, e não a um surdo em particular, incorporar-se à prática social da leitura. Aqui se compreende em toda a sua dimensão a tão reiterada afirmação de Jean Foucambert, de que a leitura é um assunto comunitário. E tudo isso aconteceu à revelia da escola que persiste, com uma obstinação digna de melhor causa, tentando alfabetizar seus alunos surdos.

Isto é o que teoricamente pretendia fazer a escola para surdos ensinando a ler como não deveria fazer. Mas é muito surpreendente que especialistas da área da surdez não tenham saudado essa conquista dos surdos, uma conquista alcançada fora da escola, é verdade, mas uma grande conquista afinal. Este passo, no meu entender transcendental, que deram os surdos, aproxima-os de uma série de atividades que ocorrem tanto na comunidade surda como na macrocomunidade dos ouvintes e abre uma brecha de importância excepcional para romper com barreiras no sentido de uma integração verdadeira. Assim, já podemos dizer que os surdos leem e escrevem, utilizando-se da língua escrita em uma dimensão informativa, eferente. A escola, então, não tem por que ensiná-los o que á aprenderam sem a sua intervenção, reconhecendo este fato com humildade. É hora da escola, com a intermediação de seus professores e com a participação ativa de adultos surdos, assumir uma tarefa muito mais difícil, mesmo que possível: abrir aos seus educandos o acesso ao mundo da escrita, ao domínio de uma leitura estética, reflexiva, formativa. Para isso, deveria começar por onde se deve começar: contar com professores que são usuários competentes de duas línguas: a língua de sinais e a língua escrita. Como se pode ver, uma tarefa nada fácil.

Considero necessário fazer um par de apontamentos finais neste texto. Em primeiro lugar, é preciso ficar claro que ninguém passa de uma leitura informativa a uma leitura formativa. Em outras palavras, a leitura informativa não é um degrau para se chegar à leitura formativa: "Pau que nasce torto nunca se indireita." Trata-se, então, de desaprender o aprendido para reaprender algo totalmente novo, no caso dos adultos ouvintes e surdos. No caso das crianças, trata-se de orientá-las para o mundo dos livros, mostrando-lhes, acima de tudo, o que podem encontrar nesse mundo e ensinando-as como fazer. Obviamente, isso só pode ser feito por um leitor adulto, o qual possa se comunicar com as crianças em uma linguagem compartilhada; neste caso, através da língua de sinais.

Em segundo lugar, é bom esclarecer que a escrita dos celulares não pertence propriamente ao mundo da escrita, mas se situa mais no mundo da oralidade, da vida cotidiana. As mensagens que as pessoas escrevem em telefones celulares são informações pontuais ou palavras que são quase gestos, sorrisos, cumplicidades, saudações, etc. Ou são comentários mais ou menos pessoais, quando não quase íntimos. Estas mensagens são escritas com uma ortografia própria, que se choca com a ortografia convencional da língua escrita. Não importa. Não há por que se preocupar. Como já dissemos, não se trata de escrita propriamente dita, e quem faz uso dessa nova ortografia, não convencional, geralmente jovens, fazem-no porque acham muito mais cômodo e rápido. Eles zombam daqueles que, como nós, não dominam essa ortografia e perdem tempo e até clareza transportando a escrita formal para o celular.